RESENHA

O SUJEITO NA TELA: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço

FEITOSA, Sara Alves
Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.
sarafe99@hotmail.com

MACHADO, Arlindo. **O sujeito na tela***:* modos de enunciação no cinema e no ciberespaço. São Paulo: Paulus, 2007, 250p.

Arlindo Machado, doutor em Comunicação e professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP e do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicação e Arte (ECA/USP), tem dedicado suas pesquisas ao universo das "imagens técnicas", ou seja, imagens produzidas por meio de mediações tecnológicas diversas, tais como a fotografia, o cinema, o vídeo e as atuais mídias digitais e telemáticas. No livro **O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço** (2007), como o próprio nome sugere, Arlindo Machado traça reflexões sobre o sujeito a partir das teorias da enunciação cinematográfica e das implicações na subjetividade desencadeada pelas novas mídias digitais.

O livro é divido em duas partes, cada uma subdividida em capítulos. Na primeira parte, " O Sujeito no cinema", a partir da aná lise de filmes clássicos como *Cidadão Kane* (Orson Wlles, 1941), *A dama do Lago* (Robert Montgomery, 1946), *Janela Indiscreta* (Alfred Hitchocock, 1954), *No tempo das diligências* (John Ford, 1939), dentre outros, o autor apresenta, em 10 capítulos, diferentes espécies de sujeitos cinematográficos com base em reflexões datadas das décadas de 1970 e 1980, conhecidas mais genericamente como a teoria da enunciação cinematográfica. Naqueles períodos, o processo de recepção do filme e o modo como a posição, a subjetividade e os afetos do espectador eram trabalhados ou "programados" no cinema, mereceram uma atenção maior por parte da crítica, a ponto de, segundo Machado, "esses temas terem se constituído no foco de atenção privilegiado tanto da teoria dita estruturalista ou semioticista quanto das aná lises mais 'engajadas' nas várias perspectivas" (p.125). Nessas abordagens, explica o autor, o aparato tecnológico do cinema, bem como a modelação do imaginário, forjada por seus produtos, foram submetidos a uma intensa investigação, com o objetivo de verificar como o cinema clássico "trabalha para interpelar o seu espectador enquanto sujeito" (p. 125), ou como esse cinema "condiciona o seu público a identificar-se com e através das posições de subjetividade construídas pelo filme" (p. 125).

No capítulo 8 desta primeira Parte, intitulado "Identificação, projeção, espelho", Machado define cinema como sendo "uma arte da multiplicação do olhar e da audição, que pulveriza olhos e ouvidos no espaço para construir com eles, entre eles,

uma 'sintaxe', [...] uma intrincada rede de relações" (p.95). Sobre as teorias convencionais da identificação, ele aponta falhas à medida que essas "acreditam ingenuamente que o espectador de cinema faça projetar seu ego em uma ou duas personagens relevantes do filme [...] e mantenha essa identificação do começo ao fim da película" (p. 100). No capítulo 10, *A crise da enunciação,* Arlindo Machado resgata as principais causas do envelhecimento da teoria da enunciação cinematográfica, entre elas o fato de serem teorias a-históricas, pois nelas as aná lises fílmicas eram feitas independentemente do seu contexto social e político (p.126) . Também explica que essa teoria perde sua força, pois "a relação entre o cinema e seu espectador é reduzida, nas teorias da enunciação, à condição de um evento determinado anteriormente pelo 'texto' fílmico, à revelia inclusive do contexto histórico da recepção e do espectador real, considerado passivo e programado" (p.127).

Na segunda parte do livro, " O sujeito no ciberespaço", Arlindo Machado relaciona, em nove capítulos, a crise das teorias da enunciação cinematográfica ao surgimento das novas mídias digitais. Segundo o autor, o advento dos meios pós-cinematográficos "redirecionam a indagação sobre o sujeito e nos colocam diante de novos problemas a ser enfrentados" (p.133). Mas, é bom que se diga, o autor trabalha na perspectiva do cinema como uma espécie de referência fundadora de todo o audiovisual, inclusive no ciberespaço.

É no início dos anos 1980 que há uma mudança no cenário no que diz respeito ao mercado audiovisual; os meios pós-cinematográficos (vídeo e televisão) assumem a hegemonia e posteriormente, como nos explica Machado, o próprio cinema passa a ser produzido já não mais prioritariamente para a sala escura, mas para a televisão e para os mercados de videocassete, *laserdisc* e DVD. Há aí o que o autor denomina de mudança de estatuto do dispositivo, do texto e do espectador. Isso porque "a programação de televisão, mesmo a de caráter narrativo é seriada, fragmentada, interrompida a todo o momento, e não conta com efeitos de continuidade tão rigidamente estabelecidos como no cinema" (p.134). Além disso, aponta o autor, o espectador de posse do controle-remoto introduz uma nova descontinuidade através do *zapping*.

Embora vivamos numa sociedade cada vez mais interligada por redes e pelo ciberespaço, em muitos aspectos Machado chama a atenção para a existência de poucas reflexões relacionadas ao modo como a subjetividade é construída a partir dos meios pós-cinema. Apesar do título do livro criar a expectativa da apresentação de uma teoria da enunciação no ciberespaço, essa promessa não se cumpre. No entanto, isso não chega a comprometer a validade de sua leitura. É exatamente preocupado com

esse quase vazio teórico que o autor traça um panorama dos textos já produzidos até aqui que têm como foco o ciberespaço, o texto nas novas mídias e seu espectador. A partir de autores como Edmond Couchot; Janet Murray; Mark Hansen; Siegfried Zielinski, dentre outros, Machado discute a automatização do sujeito; a imersão em espaços virtuais; o corpo como *interface* entre o sujeito, a cultura e a natureza; a metáfora platônica da caverna e as novas subjetividades originadas nas mídias digitais.

Sobre o novo sujeito implicado nos dispositivos de realidade virtual, Machado é enfático ao afirmar que esse é "agora um sujeito *agenciador*, um sujeito que dialoga, que interage com as imagens (com sons e com estímulos táteis)" (p.195). Nesse sentido é que aponta uma diferença fundamental entre a *cave* digital e a caverna de Platão: "os 'prisioneiros' da realidade virtual não estão acorrentados nos seus lugares nem no sentido literal, nem no sentido metafórico" (p.195).

"**O sujeito na tela:** modos de enunciação no cinema e no ciberespaço" (2007), assim, é uma referência obrigatória por pelo menos duas razões: a primeira, pelo resgate que faz da teoria da enunciação cinematográfica e das motivações que causaram seu envelhecimento, intimamente relacionadas às mudanças provocadas pela percepção do lugar do receptor instituída pelos estudos culturais; a segunda porque o livro de Arlindo Machado se constitui num importante roteiro de estudo para aqueles que dedicam suas investigações às novas mídias e às novas subjetividades que implicam o surgimento do ciberespaço.

Copyright (c) 2008 Autor(es) / Copyright (c) 2008 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal. Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.



Selo CC-BY-NC com Direito Autoral_2008